ANO 3.º LISBOA--SABADO, 7 DE JULHO DE 1923 N.º 691

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

UMA PERDA NACIONAL

GUERRA JUNQUEIRO

MORREU ESTA MADRUGADA

O ocaso de um grande genio que encheu de gloria o nome português

A morte de Guerra Junqueiro! Parece que se fez noite nas almas, e que todos nós estamos sob a pressão esmagadora de um pesadelo, vendo prostrado sem vida esse arcabouço de gigante que era, na colossal grandeza do seu estro, toda a gloria de uma Patria e todo o orgulho de uma raça. Baqueou o ultimo dos «Vencidos da vida»; esfriou para sempre esse cerebro de privilegio que foi o mais portentoso genio do seu tempo; que foi toda a magia da beleza na maravilha dum verso, e que foi toda a formosura do espirito na sublimidade dum pensamento.

Ninguem, como ele, elevou mais alto, em lingua portuguesa, essa ancia de perfeição que nos aproxima de Deus; como ninguem soube, ainda, imortalisar em rajadas mais impetuosas de ritmo, de vibração e de côr, essa sêde de infinito que atormenta a consciencia humana desde o além longinquo da criação até á soturnidade transformadora do tumulo.

Pode que a sua constituição mental tenha tido fazes discutiveis no campo arido do filosofismo; pode que o seu estro nem sempre tenha servido a doutrinamentos sãos—o eterno entrechocar das crenças a separar os homens na disputa inutil dos principios — mas Junqueiro foi sempre grande. Blasfemando os sectarismos sarcasticos da «Velhice do Padre Eterno», ou chicoteando a indignação formidavel do «Finis Patria», ou satirizando a devassidão sensual da «Morte de D. João», ou penitenciando-se no bucolismo calmo dos «Simples», ou heroicisando Nun'Alvares nos tercetos imorredouros do «Patria», Junqueiro foi sempre grande, foi sempre genio, foi sempre a Arte superiorisada em versos que não esquecem mais.

Não é esta a hora de criticar a sua obra; porque só a dor ingente que tal perda nos causa deve ser, para todos os portugueses, neste momento lutuoso, a preocupação das nossas almas. Mas, se alguem se atrevesse, apesar de tudo, a discutir, em face desse cadaver, que é já agora uma reliquia da Patria, o merito do poeta que é, d'oravante, uma saudade confrangedora, bastaria lembrar que nunca adversario algum, defrontando-o no campo das ideias, ousou negar-lhe grandesa, na força criadora do pensamento, no lampejar dominador da sua arte.

Guerra Junqueiro

O espirito de Guerra Junqueiro dardejou raios de luz que, nem a distancia nem o tempo podem vencer; o seu verbo foi o acumen da harmonia e a dignificação da palavra; a sua obra, é, toda ela, um monumento de belesa, erguido em Portugal á maior gloria da inteligencia humana.

Quem cantou, jamais, com tanta ternura como ele, as noites de invernia, que ficaram fotografadas assim, no *In pulvis* de *Os Simples?*

Oh, que noite negra, que invernia brava!
Nem uma estrelinha pelo ceu reluz!
Chora o vento ao longe com a voz tão cava,
Como quando dizem que de dôr chorava
Toda a santa noite em que expirou Jesus!...

Vêm sanguinolentos gritos moribundos
Das soturnidades torvas do horizonte!
Já nos ermos andam lobos vagabundos...
Já os rios cheios, com bramidos fundos...
Num diluvio dagua vão de mar a monte!...

E o enigma da vida? Quem soube alguma vez senti-lo e dizê-lo como ele o sentiu e o disse nestes versos formosissimos?

Sempre, sempre, sempre, cinza, fumo e chama
Viverão, morrendo a toda a hora... sempre!...
Nuvem que troveja, calix que embalsama,
Planta, pedra, insecto, humanidade, lama,
Serão tudo, tudo!... inconcebivel!... Sempre!

Mas a alma, as almas, quem as ha criado?
Qual a origem d'onde a sua essencia emana?...
Ah, em vão levanto o triste olhar magoado
Para os olhos d'oiro que do azul sagrado
Lançam as estrelas á miseria humana!...

Mas... não exemplifiquem os... porque toda a obra do poeta é um assombro de arte. Quem lhe diria a ele, ao genio que tanto sentiu, que a sua morte havia de arrebatá-lo precisamente como a ansiou um dia quando escreveu:

Resa esse rosario, santa lacrimosa!
Sobre os teus joelhos deixa-me deitar!
Triste da minh'alma!... vê, que desditosa!...
Unge-m'a de bençãos, mão religiosa!...
Cobre-m'a de graças, cristalino olhar!...
Resa-lhe baixinho, minha boa amiga!
Resa-lhe rosarios de orações idiais!
Morta de miseria, morta de fadiga,
Deixa que ela durma na pureza antiga...
Que ela durma... sonhe... e não acorde mais!...

* * *

Foi assim que morreu o poeta. Lucido, sereno, mal o dia se poz a dealbar, olhou o sol que tanto o embriagara de luz pela vida fora, e, vendo a seu lado, vigilante como uma estatua de angustia, a santa velhinha que fôra o seu amparo e que partilhara com ele todas as dores e todas as alegrias da existencia, fez-lhe as ultimas recomendações. Funeral simples; tão simples como a sua vida fôra. Religioso; mas sem ostentações, sem pompas, sem cousa alguma que denotasse uma preocupação da sua alma com as vanglorias miseras do mundo:

Deixa que ele durma na pureza antiga...
Que ele durma... sonhe... e não acorde mais!...

E dormiu... e sonhou... E não acordou mais... Porque foi sonhando que se evolou para a Eternidade aquela alma de eleição que bastava por si só para encher de gloria toda a contemporaneidade portuguesa e para enobrecer o valimento racico não só de uma geração mas de uma raça inteira!

A caridade

O problema infantil

Em França, afirma-o o *Diario de Lisboa*, as estatisticas mostram que anualmente morrem 80:000 crianças por falta de recursos e cuidados higienicos; que apenas isto foi conhecido, logo começaram de organisar-se festas com o fim de angariar recursos para salvar os inocentes.

Nós não fazemos ideia do que sejam 80:000 crianças mortas, e muito menos a podemos fazer por falta absoluta das estatisticas, que lá é coisa correntia e em Portugal só com atrazos de anos vêm trazer-nos numeros.

Mas se ignoramos essa hecatombe, que por um lado é boa e por outro é pessima, não acontece o mesmo quanto á existencia de meios de que se lançou mão para obstar precizamente a esse facto terrivel de tamanha mortandade. Está neste caso aquela associação do bem a que por vezes tenho feito referencia nestas colunas e que o *Diario de Lisboa* tem levado com a sua influencia a tornar conhecida em Portugal. Refiro-me á *Gota de Leite* cuja sede, ali para os lados de S. Apolonia, na sua simplicidade quasi sumida, esconde o muito bem distribuido, os beneficios que tem levado a tanto milhar de inocente, a obra de salvação já produzida.

Nunca é demais cantar essa obra de benemerencia que centenas de cidadãos ajudam com obulo mensal, com trabalho, com variados meios, nem tambem gritar, alto, para que me oiçam, que dia a dia a posição alcançada por tão util e prestante estabelecimento vai declinando numa aproximação afinal, fazendo crescer a nossos olhos esse ponto interrogativo do que será o dia de ámanhã para essas pobres crianças que ela alimenta quotidianamente, dando-lhe leite puro que é o principal material dum alicerce em formação e obstando, com essa dadiva graciosa, que os pais, sempre ou quasi sempre ignorantes da obra altamente humanitaria que têm a cumprir, encham a criança de alimentos nocivos que produzem as pequeninas monstruosidades que para aí vemos, nessas ruas negras e sujas como os andrajos que os cobrem e onde elas, que num dia proximo serão o povo deste torrão bemdito e quiçá os que o possam dirigir, —e quantos filhos de humilissima gente tem ascendido aos mais altos cargos!—crescem sempre espreitadas pela morte. E porque o não é, chamo aqui, por intermedio deste baluarte poderoso que é hoje o jornal e sobretudo este, onde estas palavras vão ver a luz, a atenção do povo de Portugal, a fim de que ele não deixe minguar as fontes de receita que ainda conseguem manter em marcha aquela humanitaria obra, aumentando-as por todas as variadas formas ao seu alcance.

Vae reunir no sabado proximo, pelas 16 horas, a assembleia geral desta prestantissima associação! Chama-se ali essa atenção dos subscritores, porque é necessario aumentar os meios de vida que os germens da morte andam procurando aniquilar. As despezas são grandes como sempre tenho dito, porque tudo espantosamente encareceu tanto ou tão pouco que por vezes já se diminuiu o numero de cabeças de gado que alimentam o seu lactario com o precioso liquido a distribuir, e, diminuindo-as mais, a função do estabelecimento onde só almas que são verdadeiros caturras trabalham, desaparece. Com este desaparecimento, as 60 creanças que diariamente são alimentadas, não mais o poderão ser e atiradas para o vacuo, terão de recorrer, por elas os paes, ao alimento nocivo que estabelecimentos de comprovada inutilidade no sentido espõem á venda, por preço incompativel com a bolsa dos mesmos paes.

Procura-se-há uma formula de evitar este desastre e francamente numa associação onde ainda ha poucos meses a quotisação era de dez centavos e continha cerca de 1000 bemfeitores, quero crer que a não é dificil encontrar. Que são hoje dez centavos na vida real e material? Que responda o leitor.

Desde que essa quotisação seja elevada ao seu valor firme, a associação benemerente a que faço referencia e tanta vez tenho procurado servir com a pobresa da minha prosa, por ser linda a sua missão, terá encontrado o desafogo que precisa e que se refletirá imediatamente nas creancinhas, alargando-se «In continenti» o numero das que serão beneficiadas.

Eis leitor o que vos peço! O obulo direto senão és subscritor da «Gota de Leite» que podeis acreditar vae cahir nas mãos mais competentes para lhe dar o destino devido; a vossa comparencia no sabado pelas 14 horas, para com ela, sancionares as resoluções da direcção dando os meios de vida a uma tão util obra.

Basta um postal e o vosso nome tambem será incluido no daqueles que ajudam a fazer o bem, a missão mais nobre que prestamos enquanto o arcaboiço serve de moradia á vida e esta nos empresta luzes para sermos prestantes.

Alvaro Netto.

CRONICA FINANCEIRA

O rateio do emprestimo

A FRANÇA E A COMPRESSAO DE DESPEZAS

O discurso de Poincaré

Conhece-se, emfim, as proporções do rateio estabelecido para a subscripção do emprestimo interno de 4 milhões de libras: de 1 a 5 titulos, sem rateio algum; de 6 a 20 titulos ha um rateio de 40 0|0, não podendo atribuir-se a cada subscriptor nunca menos de 5 titulos; e de 21 titulos subscriptos em deante o rateio passa a ser de 50 0|0.

Desta deliberação official tiram-se conclusões curiosas:

1.º Se ha rateio é porque o montante subscripto é superior á importancia global da emissão.

2.º O excedente do capital subscripto não é tão pequeno como isso, pois que os subscriptores de mais 5 titulos sofrem no rateio de 40 0|0 até 20 titulos, e de 21 titulos para cima sofram um rateio de metade.

Muito logicamente se regeitou o pequeno subscriptor. Não só é consuetudinario em emissões não ratear as libras dos pequenos subscriptores, — o que valorisa logo o papel seja ele qual for e é uma forma de combater a especulação, a jogatina dos que subscrevem para largar o papel, logo que tenha premio, isto em emissões não oficiaes, como neste caso tem esse respeitado preceito outra explicação ainda.

E é que, sendo o novo consolidado português isento de qualquer imposto presente ou futuro, mais justo é que essa condição vá beneficiar o pequenino subscritor, o pé de meia, do que o grande capitalista.

Essa circunstancia tem hoje seu peso, depois do imposto de aplicação de capital sobrecarregado pelo imposto de rendimento directo.

Basta comparar o que sucede a um acionista do Banco de Portugal e a um acionista do Banco Colonial Português. Como o imposto de aplicação de capital incide sobre valores de cotação, o acionista que vai receber um *acompte* de 4 escudos, paga no Banco de Portugal esc. 1$20; no Banco Colonial pagará, em relação ao mesmo *acompte* de esc. 4$00 apenas 0$90.

Depois terá ainda de pagar pelo menos uns tanto por cento para imposto de rendimento do que lhe fica de esc. 4$00 no Banco de Portugal ou seja 2$80.

Se esses titulos pertencem a uma empresa lá vão os 2$80 ser onerados no balanço; e, ainda os societarios ou acionistas duma empreza terão de pagar uma quota parte do imposto de rendimento respeitante aos dividendos do capital da empreza empregado em titulos do Banco de Portugal—ou seja o mesmo capital onerado quatro vezes: 1.º pela diferença da cotação, depois como receita (o dividendo) da empreza X, depois na forma de imposto de rendimento, havendo casos de oneração quadruplicada.

Não é, pois, nada indiferente estar ou não estar isento de imposto determinado titulo.

E bem justo é que sejam os pequenos subscritores a beneficiar desse condição do emprestimo, e dessa rateio, prestar-se-ia o emprestimo a uma transferencia de capitais, muito designadamente atraídos pela isenção de impostos.

Fica-se, pois, sabendo de ante-mão que o novo emprestimo português fica nas mãos do pequeno subscritor, havendo ainda a vantagem de desviar do tomador externo grandes lotes, o que deixaria de beneficiar portugueses para ir beneficiar estrangeiros que á sombra da desmarginação cambial teriam vindo em cata duma aplicação que lhes daria fabuloso juro.

Para os interesses do país a circunstancia de beneficiar o maior numero é acertado; para os efeitos do credito nacional o facto de se recorrer a rateio para a entrega dos titulos do emprestimo, prova á evidencia ter o emprestimo sido coberto.

* * *

Transitou por toda a imprensa portuguesa de sexta-feira finda um telegrama de Genebra, datado de 5, em que se resumia a comunicação do sr. Hanotaux á Sociedade das Nações sobre a politica financeira seguida pela França, baseado na sã doutrina da compressão das despesas publicas, e o pedido do mesmo homem publico francês á Sociedade das Nações para que esta aconselhe a todas as tesourarias inter-aliadas a adopção duma politica de economias.

O sr. Poincaré, «premier» do actual governo da França, pediu ao Parlamento francês que comprimisse as despesas, no orçamento e nas leis especiais, que seguisse e proseguisse no caminho das economias, impiedosamente, votando o orçamento de 1926, sob o mesmo plano de 1923.

Esse discurso do sr. Poincaré considerado um dos mais belos da sua carreira teve como resposta uma votação de 349 votos contra 156.

A eloquencia do antigo presidente da Republica Francesa e actual presidente do ministerio talvez convença os portugueses que tanta relutancia têm mostrado em acreditar nos bons resultados que, para a administração publica, para a sanidade da nossa vida financeira, para o saneamento da nossa moeda e o reequilibrio dos nossos cambios e portanto do credito nacional, — daria a adopção de uma rigorosa politica de compressão das despezas publicas.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Branca de Gonta Colaço, D. Maria Francisca Pais de Sande e Castro Almeida de Campos, D. Maria da Rocha Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão) e D. Maria Alexandrina de Barros Pinto.

E os srs.:

D. João de Lencastre, Duarte Borges Pacheco Pereira (Tancos), Antonio de Sousa e Vasconcelos da Penha e Costa, João Bruges de Oliveira, Alexandre Inacio van-Zeler Alberto Navarro de Andrade e Carlos Pinto da Fonseca.

Casamentos

Realizou-se nos fins do mês passado na paroquial igreja da Vila de Buarcos o casamento da senhora D. Maria Luisa Monjé Pereira Correia, gentil filha da senhora D. Luisa Monjé Pereira Correia e do sr. Antonio Pereira Correia, com o distinto tenente da administração militar sr. Antonio Ferreira de Abreu, tendo servido de madrinha as senhoras D. Dolete Costa Ferreira Dinis e D. Isaura de Andrade Ferreira de Abreu, irmã do noivo e de padrinhos os srs.: José Pereira Correia, tio paterno da noiva e o reverendo prior José Augusto de Carvalho.

Finda a cerimonia religiosa foi servido um finissimo lunch, seguindo os noivos para a sua quinta a passar a lua de mel.

Na «corbeille» figuravam grande numero de artisticas e valiosas prendas.

—Pe a sr.ª D. Leonor Gonçalves Martins, viuva do sr. Estevam d'Oliveira Martins, foi pedida em casamento para seu filho Estevam Gonçalves Martins, quintanista de Direito, a sr.ª D. Maria del Pilar Segura de Faria, filha do sr. Antonio Canova de Faria e de sua falecida esposa D. Pastora Segura y Jymenez de Faria.

O casamento realisa-se brevemente.

Festa de caridade

Por motivo particular, o grande «Sarau á Francesa» em homenagem á sr.ª D. Isabel Maria Silva e Brito (regente da Creche) e realisado pelo nucleu devoto Santo Antonio na Creche, rua . Bento 7, a favor da mesma e da pobresa, só se realisará no dia 14 do corrente pelas 22 horas.

Veraneios elegantes

LUSO — Todos os dias estão chegando a esta magnifica terma numerosas pessoas da nossa sociedade elegante que aqui veem passar a estação calmosa, o que fazem prometer uma época divertidissima.

O Casino abriu no dia 1 havendo todas as noites concerto por um eximio quarteto, seguindo-se depois a dança, até perto da 1 hora, vendo-se já grande numero de pares.

Segundo se fala estão já preparadas algumas festas, entre elas um «pic-nic», passeios de automovel, torneios de «tennis», nos magnificos «courts» da Avenida Navarro e outros divertimentos a que depois me referirei.

Tanto no Luso como no Bussaco os hoteis estão com bastantes quartos tomados, o que nos faz prever uma enorme concorrencia.

No Palace do Bussaco são esperados dentro de alguns dias o ilustre embaixador do Brasil em Lisboa, sr. dr. Cardoso de Oliveira, sua esposa madame Cardoso de Oliveira e suas gentis filhas.

Até breve.

D. Nuno

«Rendez-vous» elegantes

Agenda

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» ámanhã de tarde nas «matinées» dos Salões Chiado Terrasse e Foz e na «soirée» da moda do Cinema Condes e ainda na inauguração do teatro Maria Vitoria, da feira do Parque Mayer.

Em viagem

Regressou de Paris o sr. dr. Arlindo Correia Leite.

—Parte brevemente para Cascais, com sua esposa e gentis filhinhos o sr. Jorge da Mota Marques.

—Está no Gerês o sr. dr. Porfirio Rebelo.

—Regressou do Porto o sr. dr. Carlos Ramalhão.

—Chegou do norte o sr. Albano de Sousa.

—Partiu para Vizela, com sua familia, o sr. João Pimentel, nosso colega do «Jornal do Comercio e das Colonias».

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA—Tel. 3028 N.
Comp.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE A's 21,30
O grande exito de gargalhada
Ordem de marcha

A VIUVA GOMES
volta a visitar
HOJE, o «SIMÃO VENTURA», no
TEATRO NACIONAL
Não deve ali faltar quem quizer passar uma noite divertidissima

S. CARLOS Telef. C. 5063
Companhia LUCILIA SIMOES
HOJE — Ante-penultima representação
MAGDA
Magistral criação de Lucilia Simões
O papel de «Schwartze» por ERICO BRAGA—Notavel conjuncto—Esplendida enscenação de Antonio Pinheiro — Primoroso programa pelo sexteto
Terça-feira em Recita da Moda — «Première» da peça «Mar Alto», original de Antonio Ferro, e «A Historia», orig. de Benavente, trad. Garcia Peres.
Bilhetes desde Esc. 2$00, á venda, de dia, sem aumentos. «Fauteuils» 6$00. Frisas e camarotes 25$00 e 15$00.

A's Senhoras
Carsulnas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

Pasta limpa typos «RIBOLDA»
para maquinas de escrever, numeradores, etc.
Unica em todo o mundo
Tel. N. 3158—OLIVER L.da—R. da Prata, 250, 2.º

Teixeira, Campos & Almeida, L.da
Alfaiates-Mercadores
Acabam de receber o mais completo sortido de casimiras nacionais e estrangeiras para a presente estação.
Rocio, 26, 1.º Telefone N. 4544

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida—Parque Mayer)
Comp.ª de Revista—Director artistico Rosa Mateus
A'manhã — DOMINGO, ás 21 e 3|4 — A'manhã
Espectaculo inteiro — IRREVOGAVELMENTE
a 1.ª representação da revista em 2 actos e 9 quadros de Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, musica original e coordenada pelos maestros Bernardo Ferreira e Raul Portela
FADO CORRIDO

APOLO Telefone n.º 4129
HOJE — A popularissima peça
Fidalgos da Casa Mourisca
com Eduardo Brazão, José Ricardo, Maria Matos e Ilda Stichini nos principais papeis
Terça-feira: Recita de Ilda Stichini «Hamlet», «Triste Viuvinha», «Farça de Inez Pereira». Tomam parte por deferencia, Brazão e Amarante. Bilhetes á venda
Está desde já á disposição dos srs. assinantes na bilheteira, a importancia dos bilhetes da 5.ª recita de assinatura, que a Companhia José Ricardo não realisou

LAXEOL
O unico producto que cura todas as doenças intestinaes
Lab. Farm. Internacional—R. DO OURO, 228

UMA PAGINA QUE PERDURA

A epistola "Aos simples"

DE GUERRA JUNQUEIRO

"Uma bela peça, sem satira nem satanismo, dominada por um altivo tom de eloquencia"

Ó almas que viveis puras, imaculadas,
Na tôrre de luar da graça e da ilusão,
Vós que inda conservais, intactas, perfumadas,
As rosas para nós ha tanto desfolhadas
Na aridez sepulcral do nosso coração;
Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,
Da luz, olhar de Deus, da luz, benção d'amor,
Que faz rir um néctário ao pé de cada abelha,
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor;
Almas, onde resplende, almas onde se espelha
A candura inocente e a bondade cristã,
Como num ceu d'Abril o arco da aliança,
Como num lago azul a estrela da manhã;
Almas, urnas de fé, de caridade e esp'rança,
Vasos d'oiro contendo aberto um lirio santo,
Um lirio imorredoiro, um lirio alabastrino,
Que os anjos do Senhor vem orvalhar com pranto,
E a piedade florir com seu clarão divino;
Almas que atravessais o lodo da existencia,
Êste lodo perverso, iniquo, envenenado,
Levando sobre a fronte o esplendor da inocencia,
Calcando sob os pés o dragão do pecado;
Bemditas sejais vós, almas que est'alma adora,
Almas cheias de paz, humildade e alegria,
Para quem a consciencia é o sol de toda a hora,
Para quem a virtude é o pão de cada dia!
Sois como a luz que doira as trevas dum monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;
E tudo quando em mim ha de belo ou de puro,
— Desde a esmola que eu dou á prece que eu murmuro —
E' vosso: fostes vós o meu primeiro altar.
La da minha distante e encantadora infancia,
Dêsse ninho d'amor e saudade sem fim,
Chega-me ainda a vossa angelica fragrancia
Como uma harpa eólia o cantar a distancia,
Como um veu branco ao longe inda a acenar por mim!
Minha mãe, minhã mãe! ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caia mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lare
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido lebreu.
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, alêm, por entre as oliveiras,
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao ceu!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, alumiando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um alivio a cada sofrimento,
Que mandasse uma estrela a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia.
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as magoas...
Pelos miseros que entre os uivos das procelas
Vão em noite sem lua e num barco sem velas
Errantes atravez do turbilhão das aguas.
O meu coração puro, imaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai,
Para toda a nudez um pano do seu manto,
Para toda a miseria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pai!...
A minha mãe faltou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto dum leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo d'oliveira!

* * *

Ó crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal,
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito·
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.

Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece inda o clarão scintila:
Tirai o corpo — e fica uma lingua de chama...
Tirai a alma — e resta um fragmento d'argila.

E para onde vai esse clarão? Misterio...
Não sei... Mas sei que sempre ha-de arder e brilhar,
Quer tivesse incendiado o cranio de Tiberio,
Quer tivesse aureolado a fronte a Joana d'Arc.

Sim, creio que depois do derradeiro sono
Ha de haver uma treva e ha-de haver uma luz
Para o vicio que morre ovante sobre um trono
Para o santo que expira inerme numa cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que ha-de guardar por sua propria mão
Numa jaula de ferro a alma de Locusta,
Num relicario d'oiro a alma de Platão.

Mas tambem acredito, embora isso vos pese,
E me julgueis talvez o maior dos ateus,
Que no universo inteiro ha uma só diocese
E uma só catedral com um só bispo — Deus.

E muito embora a vossa igreja se contriste
E a ex-comunhão papal nos abraze e destrua,
A analise é feroz como uma lança em riste
E a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, biblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
Exumemos a fé desse montão de escombros,
Desentulhemos Deus dessa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Ha de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas flutua;
A razão é do ceu o esplendido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

* * *

Mas, ai! eu compreendo os martirios secretos
Do pobre camponês, já quasi secular,
Que vê tombar por terra o seu ninho de afectos,
A casa onde nasceu seu pai, e onde seus netos
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.
Compreendo o pavor e a lividez tremente
De quem em noite má, caliginosa e fria
Atravessa a montanha á luz dum facho ardente
E uma rajada vem alucinadamente
Apagar-lho co'a asa atletica e sombria,
Deixando-o fulminado e quasi sem sentidos
A ouvir o ulular das feras e os bramidos
Do ciclone, que explue rouco do sorvedoiro,
E se enrosca furioso aos platanos partidos
A estrangulá-los, como uma giboia um toiro.
Compreendo a agonia, o desespero insano
Do naufrago na rocha, entre o abismo do oceano,
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões
Como uma cordilheira herculea de montanhas,
Com jaulas colossais de bronze nas entranhas,
E um domador lá dentro a chicotear trovões.
O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso pôrto,
E' um Deus que para nós há muito que está morto,
E que inda imaginais no entretanto imortal.
Vivei e adormecei nessa crença ilusoria,
Já não podeis transpor os mil anos da historia
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.
Vivei e adormecei nessa ilusão sagrada,
Fitando até morrer os olhos de Jesus,
Como o efemero vão que dura um quasi nada,
Que nasce de manhã num raio de alvorada,
E expira ao pôr do sol noutro raio de luz.
Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera,
Não é a que ilumina as bandas do Porvir.
Mas vós sois o Passado, e a crença é como a hera
Que sustenta e dá inda um tom de primavera
Aos velhos torreões goticos a cair.
Sim, essa crença é um êrro, uma ilusão, é certo;
Mas triste de quem vai pelo areal deserto
Vagabundo, esfaimado e nu como Caim,
Sem nunca ver ao longe os palacios radiantes
Duma cidade d'oiro e marmore e diamantes
No quimerico azul dessa amplidão sem fim!
Quem há de arrancar pois do seu piedoso engaste
O vosso ingenuo ideal, ó tremulos velhinhos,
Se a quimera é uma rosa e a existencia uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos!
Quem vos há de cortar a flor da vossa esperança,
Quem vos há de apagar a angelica visão,
Se essa luz para vós é como uma criança
Que guia numa estrada um cego pela mão!
Quem vos há de acordar desse sonho encantado?!
Quem vos há de mostrar a evidência cruel?!
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto o seu favo de mel!
O' velhos aldeões, exaustos de fadiga,
Que andais de sol a sol na terra a mourejar,
Roubar-vos de voss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As três achas que leva á noite para o lar!
Oh, não! guardai-a bem essa crença d'outrora;
E' ela quem vos dá a paz benigna e santa,
Como a paz dum vergel inundado d'aurora,
Onde o trabalho ri e onde a miseria canta.
Guardai-a, sim, guardai! E quando a morte em breve
Vos entre na choupana esqualida e feroz,
A agonia será bem rapida e bem leve,
Porque um anjo de Deus, mais alvo do que a neve,
Ha-de estender sorrindo as azas sobre vós.
E vós conhecereis em seu olhar materno
Que é o anjo que embalou vosso sono infantil,
E que hoje vem do ceu mandado pelo Eterno
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.
E ao pender-vos gelada a fronte alabastrina
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tam manso e virginal, tam novo e tam perfeito,
Que Deus ha-de beija-lo e aquece-lo no peito,
Como se acaso fosse uma pomba divina,
Que viesse cair-lhe, exanime, na mão!

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Partir...

Partir! Partir! Partir! Tomar o primeiro comboio, o primeiro barco, o primeiro carro, qualquer coisa, emfim, de velocidade, que surgisse primeiro, e partir!

Lisboa que tão pouco suportavel é no inverno, torna-se verdadeiramente insuportavel durante o verão.

Sufoca-se de calôr e de tedio — apesar dos braços nus das mulheres e das cervejas geladas dos cabarets manhosos.

Lisboa de verão bebe. Nem sequer faz politica. Vive para a cerveja, para o capilé, para o pirolito. Por paradoxo, vive tambem para o grog quente — o calor mata-se com calor, como veneno se mata com veneno.

Partir! Partir! Felizes os que partem, os que se vão e nos deixam, durante um mês, dois meses, três meses, e fazem dessa partida uma das horas mais belas de toda a sua existencia. Não importa sair de Lisboa para a praia X, para as termas Y. O que é necessario é partir, sair de Lisboa, deixar isto,— vêr o mar, vêr a terra, vêr o ceu—sentir, emfim, o coração da vida, ilimitado e fecundo...

Partir! Partir! Eu partiria para a serra, onde correm ecos que me chamam, e onde ha sombras minhas nas pobres samarras dos pastores. Eu partiria para a serra, tão cheia do meu Amôr, como de sombras do infinito!

Eu partiria para a serra!... E que bem que tu fizeste em partir, meu Amôr!

A. M.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

LEQUES
Artisticos, antigos e modernos. Lindos e variados modelos para decorações e costumes
RUA DA PALMA
PEROLA DA CHINA

LOTARIA DE HOJE
5277.. 30:000$00
EM VIGESIMOS
vendidos mais esta semana na feliz casa
PINA
SEMPRE SORTES GRANDES
Bilhetes á venda para todas as loterias anunciadas pela Misericordia. Pedidos a
COSTA, LIMITADA
Tele { gramas Alpina / fone 3486-C.
75, Rua de S. Paulo, 77—LISBOA

Revista de teatro
O numero de Junho desta revista, devido á greve parcial tipografica, só sairá na proxima semana.

A AVIAÇÃO

As viagens AEREAS não se devem fazer

na opinião

DO AVIADOR RIBEIRO DA FONSECA

Sr. Director. — Permita-me v. que eu venha ocupar-lhe um canto do seu conceituado jornal, saindo da minha modesta obscuridade com uma opinião absolutamente minha, mas tanto se fala em voltas ao mundo, que eu receio que daqui a dois dias não haja um unico avião em Portugal.

Perdoe o meu camarada, sr. Sacadura, por quem tenho a maior estima e consideração, se eu ouso levantar a minha humilde voz contrariando os seus projectos, mas, se eu estou em erro, oxalá esta minha opinião sirva para provar que a sua orientação é que é a boa.

Longe de mim pretender depreciar o sr. Sacadura, ou sequer diminuir a aurêola que tão justamente o cerca.

No entanto, nós outros, que desejamos até nem ver o nosso nome nos periodicos, não temos outro remedio por vezes, senão vir á estacada, porque o contrario seria pusilanimidade.

Não me pode ser indiferente, como português e como aviador, que, numa aventura sem qualquer fim util, se vão inutilisar todos os poucos aviões que ainda nos restam.

O publico, aquela pequena parte consciente que está em sua casa muito socegada e acredita piamente naquilo que os entendidos lhe dizem nas entrevistas dos jornais, tem o direito de saber a verdade nua e crua.

A volta ao mundo, a seguir á ida ao Brasil, fez que aviadores de terra pensasem tambem em a realisar e, porque não querem ver a distancia que vai dum aviador militar a um profissional de *raids* por conta de qualquer empresa, receosos de que o publico os julgasse menos *tesos* do que os seus camaradas da marinha, eles aí vão dispostos a dar as voltas que quizerem num reles e vulgar aparelho.

Que eles, aviadores, pensem isso, é humano mas, que se leve a inconsciencia colectiva a ponto de se permitir que, com os minimos recursos da nossa pobre aviação, vão por aí fóra, até Macau, dizem as estações superiores, até Lisboa, pelo outro lado, pensam eles, é que não póde ser.

De que serviria que dois aviadores fossem por aí fora até Macau, se, para isso se dar, era necessario que os outros aviadores todos deixassem de voar, por não haver mais aviões nem dinheiro para gazolina, etc?

Que vem a ser isso de idas a Macau, de voltas ao mundo?

Um avião carregado com tantos litros de gasolina pode voar tantas horas a tal velocidade e, por conseguinte, cobrir tantos quilometros.

Mestas condições, aviadores metidos nesse aparelho, se a sorte fôr com eles, chegarão ao fim duma *étape*.

Carregado novamente o avião, cobrirão outra e assim sucessivamente.

Desta forma poder-se-ia dar a volta ao mundo.

Salta á vista!

Pois se até se dá a pé!

Sucede, porém, que há X probabilidades de se partir um avião; há Y probabilidades de se ter uma pane de motor e quasi outras tantas ainda de quebra do aparelho, por conseguinte.

Há X + 1 dificuldades a vencer e Z despesas, que fazem a grande maioria dos pilotos pensar o seguinte:

— Se se estivesse resolvido a gastar muitos milhares de contos a preparar étapes com aviões, motores, mecanicos, material de reserva, gazolina, oleo, ferramenta, etc.

— Se puzessem muitos aviões do melhor que há, absolutamente afinados, com aviadores bons e muito treinados;

— Se todos partissem para a volta ao mundo;

Sucederia, ainda assim, que todos iriam ficando pelo caminho, este com uma pane logo á saida, aquele mais adiante, etc., e o natural era que nenhum chegasse ao fim.

Este é o estado actual da aviação.

Nenhum aviador consciente pode pensar o contrário disto.

Sucede, porém, que há criaturas de animo leve e vaidade sem limites, que não querem vêr as coisas e se sentem fadadas, criaturas superiores para quem as estatisticas e as probabilidades não se fizessem.

E' assim que aparecem pilotos capazes de tudo.

Não há muito tempo um espanhol publicou que ia aterrar numa praça de touros.

Tambem temos por cá os nossos espanhois.

Uns querem ir á Madeira, num avião de terra, sem nunca a terem visto e sem saberem que lá não poderiam pousar... mesmo que dessem com ela.

Outros têm tal mania de reclame que aterram no terraço do convento de Mafra... na entrevista do jornal, é claro, como o espanhol.

Há quem, querendo ir de Macedo de Cavaleiros para Elvas, vá descer em plena Espanha e agora julgue que não se perderia numa volta ao mundo.

Há, realmente, entre nós, pilotos extraordinarios.

Um, por exemplo, que, sendo engenheiro, faz uma «limousine» para ir a Madrid, que iria ser experimentada logo nessa viagem... e com três passageiros!

Agora pensa que um Breguet daria a volta ao mundo, metendo-lhe depositos que, vasios, não permitem que o aparelho descole.

E no entanto esses depositos eram para se encher de gasolina!

É logico que estas coisas se passem assim?

É.

Só pilotos assim, de animo leve, sem dificuldades, se meteriam em aventuras como seria hoje uma volta ao mundo... á custa do seu País.

Mas o que é facto é que só o devem fazer por sua conta, ou contractados por qualquer empreza, e nunca por conta do seu País, como representantes da aviação militar e muito menos pensando em gastar todos os recursos da nossa pobre aviação numa fantasia dessa natureza, para acabar por ficar num porto estrangeiro como qualquer navio dos T. M. E.

Só por um acaso extraordinario um avião daria a volta ao mundo.

Muitos aviões talvez consigam, somados os percursos, dar uma volta á terra, mas cada um... só daria a volta á lua, quando muito.

Não sejam lunaticos!

A mim parece-me que ha melhor aplicação a dar ao dinheiro.

Organizem a aviação e procurem construir em Portugal um avião... pelo menos.

Hoje não ha que descobrir numa volta ao mundo.

Essa volta só poderá ter interesse para a casa constructora que faça um avião ou um motor capaz de a dar.

Compreende-se assim que haja americanos, ingleses, etc., empenhados em a fazerem, em aviões da sua nacionalidade.

Para nós, portugueses, o mais que se poderia ter feito já se fez: foi viajar com aquela precisão com que Sacadura Cabral e Gago Coutinho viajaram.

No entanto vejamos bem aas cousas: para irem daqui ao Brasil, com o melhor navegador e o piloto mais tenaz, foram precisos três aparelhos, contando com a maior sorte que se

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Pelos teatros

"Fado Corrido"

Só ámanhã póde subir á scena no teatro Maria Victoria que reabre completamente transformado, a fantasia revista de Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues «Fado Corrido», para a qual a empresa mandou executar um luxuoso guarda-roupa e primorosos scenarios. Ensaiou o «Fado Corrido», com esmero e proficiencia, o distinto «metteur-en-scène» Rosa Mateus, que tem revelado qualidades muito apreciaveis nos ultimos tempos.

O scenario do quadro «A' Linha...» é uma bela e artistica homenagem á imprensa lisboeta. Foi pintado por Reis Filho, um dos nossos mais talentosos scenografos.

A musica do «Fado Corrido», parte original e parte coordenada é dos aplaudidos maestros Bernardo Ferreira e Raul Portela.

Atrás do reposteiro

A revista de Antonio Carneiro, Feliciano Santos e Sarmento Duque que ainda este verão subirá á scena num dos nossos melhores teatros do genero intitular-se-há «Roda-Viva».

— Depois de ámanhã realisa-se no teatro Politeama uma recita, cujo produto reverte a favor do cofre da Associação de Classe dos Empregados do Estado. Depois da representação da peça «O outro eu», efectua-se um serão de arte, em que tomam parte as sr.ªs D. Raquel de Bastos, D. Adelaide Saguer, D. Alice Santos, D. Vitoria Lopes, o violinista Fernando Cabral e os actores Gil Ferreira e Ribeiro Lopes.

— Diz-se que uma das companhias de declamação, que actualmente funciona num dos teatros de Lisboa, recebeu convite para percorrer, em «tournée», toda a America do Sul e o Mexico.

— No Teatro Nacional realisa-se ámanhã a 7.ª audição popular da Escola da Arte de Representar para prova de exame e concurso da aluna Maria Mesquita. Representa-se o 1.º acto da peça «Triste Viuvinha» do dramaturgo D. João da Camara e para prova de exame e concurso do aluno Carlos Evora sobe á scena o original em 1 acto da Carlos Selvagem intitulado «Cavalgada das nuvens. Fecha a «matinée» o 1.º acto da comedia de Moliére na versão do Visconde de Castilho, «Medico á força».

— Sob a direcção do tenor Alves da Silva formou-se uma «troupe» de cantores de opera, que se propõe percorrer as nossas praias e termas. Do grupo fazem parte os artistas: D. Manuela Pinto Basto, soprano ligeiro; Luis Macieira, baritono; Alves da Silva, tenor. Secretario da «troupe» é o sr. Gabriel Prata.

— E' com a peça «A Carra» que a companhia Alves da Cunha reaparece no Teatro Apolo no dia 1 de agosto. Logo a seguir representar-se-há o original «A Fera» de Ramada Curto.

— Para iniciar a curta serie de espectaculos que a Companhia Palmira Bastos dará no Teatro Apollo representar-se-ha na proxima quarta-feira 11, o drama de Pinheiro Chagas «A Morgadinha de Valflor».

A peça vae montada com todo o rigor de enscenação da autoria de Carlos Santos.

— No sarau de homenagem ao maestro Manoel Benjamim, no qual tomam parte os artistas Maria Pia de Almeida, Maria de Lourdes Cabral, Ema de Oliveira, Justina de Magalhães, Elvira Loureiro, Serrano e Moreno, Joaquim Costa, Augusto de Melo, Teodoro Santos, Fernando Pereira, Jayme Zenoglio, Manoel Coelho, Jamet Victor Manoel dos Santos, Camara Manoel e Ernesto Silva. Os maestros Henrique Ribeiro e Luiz Ceia prestam o seu concurso.

— Acompanhando a peça de Antonio Ferro, «Mar Alto», que terá a sua «première» terça-feira em S. Carlos, vai tambem á scena a peça de Jacinto Benavente, «A Historia», tradução de Garcia Perez. Além de Lucilia Simões, que no principal papel feminino do «Mar Alto» tem um trabalho colossal, ha ainda a notar a interpretação que Erico Braga dá á sua personagem.

CARTAZ

S. Carlos — Ás 21,15 — «A Magda».
Nacional — Ás 21 — «A Viuva Gomes».
S. Luis — Não ha espectaculo.
Politeama — A's 21 — «Ordem de marcha».
Avenida — A's 21 — «Dama das Camelias».
Apolo — A's 21,15 — «Os Fidalgos da casa Mourisca».
Eden-Teatro — A's 20,30 e 22,30 — «Caldo Verde».
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente — Aos domingos, segundas e quintas — A's 21, a opereta «Floiy».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos — Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA HOJE
2.ª representação da comedia em 3 actos
ORDEM DE MARCHA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

A PATRIA DE LUTO

Guerra Junqueiro

NO LEITO DE MORTE

Os seus ultimos momentos, foram duma serenidade admiravel. O entêrro será religioso e modesto, sem corôas e sem discursos

Morreu o ultimo vencido da vida! Morreu Junqueiro! E' cinza a esta hora um pouco do coração da Patria!

A maior aguia latina, que levantou as azas na mais alta montanha, e foi Deus, Jesus em carne, verbo puro, ouro em fio, saudade do luar e sol da exaltação, Nun'Alvares de Portugal, tão grande como Victor Hugo, bronzeo e infinito como os tercetos de Dante; tabua desse triptico colossal que tem Camões no meio e Antero a um lado; S. Francisco de Assis, o *Povoreio*, descalço e humilde como a urze, a cantar nas montanhas da Umbria, a gloria do Sol, emquanto seus olhos purulentos, de perolas roladas, se fechavam para sempre—Junqueiro, emfim, morreu!

Falar dele, escrever sobre o seu corpo, sobre a sua obra, catedral de sonho, que imobilisou de espanto a Patria, ressuscitar as suas horas eternas, só quem tivesse a grandeza da sua pena, claridades, relampagos, coleras de Jeovah; só quem tivesse entre os dedos os elementos e os lançasse á terra, o poderia fazer como ele fez, quando morreu esse gigante que se chamou Victor Hugo.

Não ha trombetas de ouro para o aclamar! Nem bronzes para o esculpir! Nem gargantas! Nem lagrimas! Nem orações! Junqueiro foi um seculo! Foi uma Patria! Foi um povo! Foi uma nacionalidade! Foi uma historia! Foi uma lingua! Foi um verbo! Foi um Homem! Foi um Santo! Tudo isto faz um Universo! Definam-no agora!

Os seus ultimos momentos

Junqueiro presentiu a morte. Quiz morrer em Lisboa. O seu claustro de Barca d'Alva—era a saudade da sua vida. Estava cansado! Estava doente! Veio para Lisboa. Combalido, mas sereno, em plena luz espiritual, mas incapaz de escrever.

Queria repousar sob o sol divino, na calma extatica da cidade a que ele insuflara a alma duma ressurreição, a quando do «ultimatum».

Na casa, desde hoje historica, do seu genro, na rua Silva Carvalho, Junqueiro, defendia-se do mundo.

Não queria visitas. Não queria amigos. O seu quarto era um santuario, onde apenas os medicoe entravam. Ha duas semanas, fraquito como uma ave, carcássa de rouxinol que já não descanta, Junqueiro, recolheu ao leito.

Os jornais, sabiam da marcha da doença, pelo telefone. A familia defendia-o.

Foi então que se fez a romagem de intelectuais, a casa do poeta. Não passaram do limiar da porta. Ficou cheio de flores.

Sabe-se hoje que Junqueiro mandou abrir as janelas do seu quarto. Sua filha Maria Isabel, juncou lhe o leito de regaçadas de rosas, de cravos, de lirios. Mas a doença, a bronco-pneumonia, era tenaz, prendera-se áquele organismo, seco, mirrado, informe, e não abalava.

Ha cinco dias, vagamente, soube-se que Junqueiro peiorára.

A todo o instante retinia o telefone da casa da rua Silva Carvalho. Eram os amigos, os admiradores, a massa anonima do povo. De longe, do Brasil, das colonias portuguesas, da America, de todos os pontos da provincia, chegavam telegramas.

E o poeta morria...

Fizeram-se ainda varias conferencias de medicos. Inuteis. A medicina não vencia aquela doença. Doença fisica? Não! Doença de alma! Junqueiro e Deus, conversavam, na distancia infinita das suas grandesas.

Era a grande reconciliação. O grande caminho, que só a morte pode dar! Ontem, durante todo o dia, no palacete da rua Silva Carvalho, houve uma suspensão. A vida imobilisara-se. Havia apenas uma chama, tenue, doirada, fraquinha, agonisante, a da agonia do maior poeta da Patria.

A Camara Municipal não se lembrou de mandar arear a rua. Carroças e automoveis abalavam os fundamentos do predio. E o sono de Junqueiro, sono de criança, feliz, a dormir nos braços de Deus, era perturbado, cortado, diminuido.

Como ele morreu

O quarto de Junqueiro, deita sobre a rua. Duas janelas largas. Estava numa caminha de criança, de ferro, simples. Pelas paredes ha imagens de santos. Num movel imperio, remedios, muitos remedios caixas de tonicos, jornais cintados. Na mesa de cabeceira, mais remedios que perseguem os olhos, que os atraiem, que os imobilisam.

E' meia noite! Junqueiro adormece. No seu quarto, a sua mulher e a sua velha criada Ana, talvez a Candida de Raul Brandão, velho trapo de cozinha, sujo, esfarrapado, grandes olhos como estrelas, queimados de chorar, já fontes, só agua, só lagrimas, velam.

O doente acorda. Na Estrela, os sinos, dão horas. E' uma rajada vortilhonante de bronze, que faz estremecer as paredes.

Depois, silencio. A rua adormecida. A luz de azeite é doirada, cristã, tenuissima e humilde, para não ferir as pupilas do genio que se apagam.

A Ana faz-lhe berço com as almofadas. A esposa de Junqueiro, levanta-o, beija-o. Dá-lhe leite, que ele bebe devagarinho, como um menino. Um minuto. Junqueiro adormece em paz. Ha rosas murmuradas molemente, com grande canseira, por essas duas grandes mulheres—a Ana do *Regresso ao Lar*, dos *Simples*, a Esposa-Mãe.

Passam as horas enoveladas de tristesa. A luz entorna-se melancolicamente. Ha, no quarto, um aroma acido de remedios.

Junqueiro dorme. Todo o rosto calmo, imerso, penetrado de sonho, branquinho, como uma pedra de claustro. A respiração diminui. A custo a barba seca, de S. Francisco de Assis, remexe. E' a dormir, serenamente, que ele morre! Sem uma convulsão, sem uma agonia, sem uma fala, sem um remexer de dedos, um crispar de peito, uma ondulação de labios, que ele adormece serenamente no regaço de Deus!

Eram 4 e meia da manhã.

Foi tão suave a morte, que a familia não teve tempo de mandar chamar um sacerdote que lhe ministrasse os ultimos sacramentos.

No leito da morte

A casa onde morreu Junqueiro, lembra a de Camilo, em S. Miguel de Seide. O mesmo terreiro, a mesma acacia de Jorge, a mesma escadaria antiga, fresca de sol, o mesmo silencio conventual. Lá em cima, na varanda, vê-se um pouco de arvoredo. Já chegaram os jornalistas, os fotografos, os empregados da agencia funeraria. Estão junto do portão. A conversar e a fumar. A' 1 hora da tarde ainda não tinha vindo ninguem do governo, da academia, do parlamento. Só o sr. Jaime Atias, pelo presidente da Republica, que está no Gerez.

E' uma casa abandonada onde se chora de mansinho, sem irritações de voz. Salas antigas, com ceramicas, paus santos, muitas imagens.

O sr. dr. Mesquita de Carvalho, atarefado, anda em mangas de camisa, fumando nervosamente.

Entrámos no quarto do poeta. As janelas estavam fechadas, mas descerram-se agora para nós o vermos.

Maria Isabel, uma das filhas de Junqueiro, retira-lhe da face um lenço e das orbitas pedaços de algodão...

Chorámos.

E' uma mascara de alabastro, palida e doce, de pupilas enluaradas, imensas, maceradas, numa esculptura infinita de veias secas com cantos cyanozados. A cabeça repousa levevemente, o craneo fino como marfim velho.

Queremos acordá-lo, beija-lo, ouvi-lo, tão grande é a sua serenidade.

Queremos penetrar aquele cerebro, disseca-lo monstruosamente para advinharmos o genio de que é feito, a grandeza que nele se amassa, e que a morte imobilisou estancando uma nascente da vida!

Junqueiro dorme! Ao lado, um crucifixo, uma vela aceza, uma imagem santa.

O seu cadaversinho seco, mal pousa no branco da coberta. Vestiram-no de negro. As mãos — as mais lindas mãos que eu tenho visto — parafinadas, loucas de beleza, banhadas de luar, aquelas mãos que criaram tanta beleza, e são as dos santos, nos nichos das catedraes, têm delicadezas de marmore de Teixeira Lopes.

Cinzeladas de suavidade, de sonho, de alvuras de nuvens, ha quem as beije.

Maria Izabel, a filha do poeta, diz, num choro ardente:

— E' um santo! Como ele morreu! A dormir!

A' 1 hora da tarde Junqueiro é retirado do leito e deposto numa magnifica urna com argolas de prata. Ao transporte do corpo para a camara ardente assistiram apenas os srs. Luís Mesquita de Carvalho e Henrique Trindade Coelho, a filha de Junqueiro D. Maria Isabel Junqueiro Mesquita de Carvalho, seu sobrinho Sebastião Junqueiro e a cunhada do grande poeta e alguns jornalistas.

A viuva do poeta dos *Simples*, recolheu-se ao seu quarto, não recebendo ninguem.

Na camara ardente foi armado um altar, iluminado por 8 velas, com um crucifixo e uma imagem do Coração de Jesus.

No caixão será colocada um imagem de S. Francisco de Assis, como determinou o finado.

O funeral não se realiza antes de terça-feira.

O corpo ficará depositado no Alto de S. João se a familia não determinar que vá para Freixo de Espada á Cinta, onde repouza sua mãe.

As ultimas disposições

Por determinação do finado, o enterro será religioso e modesto, não se recebem corôas e nãs serão proferidos discursos. Parece que Junqueiro deixou um testamento literario, que se encontra no Porto. Ha pouco tempo, o glorioso poeta, declarou ao dr. Henrique Trindade Coelho que, lhe ofereceria a ele e a Teixeira de Pascoais, as quadras religiosas populares de Trás-os-Montes, que ele recolhera da tradição oral, mostrando desejos que fossem prefaciados pelos dois escritores.

* * *

O corpo de Junqueiro será ámanhã, pelas 17 horas conduzido aos ombros dos seus amigos e admiradores, para a Basilica da Estrela.

MEYERS

Solarine

PUTZ-CREAM PUTZ-CREAM

O GENUINO PRODUTO ALEMÃO

O melhor e mais economico liquido para limpar metais

Unicos representantes e depositarios em Portugal

H. GROTHKOP L.DA

R. Arco do Bandeira, 79 2.º

LISBOA

TELEFONE C. 55

A ACTIVA

RAMO INDUSTRIAL

Secção de Construções Civis

Construções de edificios para qualquer fim, ampliações, reedificações e reparações.

Estruturas, vigamentos e construções metalicas.

Trabalhos em cimento armado e hidraulico.

Construções industriais, como: Fabricas, Hangars e Barracões.

Frentes e interiores artisticos para estabelecimentos.

Vivendas, chalets e predios de rendimento.

Casas á antiga portuguesa.

Trabalhos de carpinteiro, marceneiro, serralheiro, canteiro, estucador, pintor, etc.

Levantamentos topograficos, projectos e orçamentos.

Maquinismos movidos a electricidade

R. 24 de Julho, 8--LISBOA

Telefones: C. 1601 e C. 3474

Telegramas: Activa

Vinho Colares

V. S.

Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, é o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem

Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro

Pedidos a D. J. Silva L.tda

Rua Rodrigues Sampaio, 15

Telefone n.º 1711

Caldas da Felgueira

(Beira Alta)

As melhores aguas na cura da bronquite, cansaços do coração, pele, flebites, arteritismo e gôta.

Abertura 1.º de Junho e informações ao gerente do

Grande Hotel Club

MOVEIS ESTOFADOS

— E —

DECORAÇOES ARTISTICAS

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelos moveis genero inglez e americano, que primeiro começou a construil-os e onde hoje se adquirem os melhores, mais confortaveis e elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues de varios modelos, é na

Fabrica de moveis inglezes e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação de Inglaterra)

29-33, RUA DO SACRAMENTO A LAPA, 29-33—TELEFONE C. 1684

(DEPOSITO DO PIPERINOL)

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

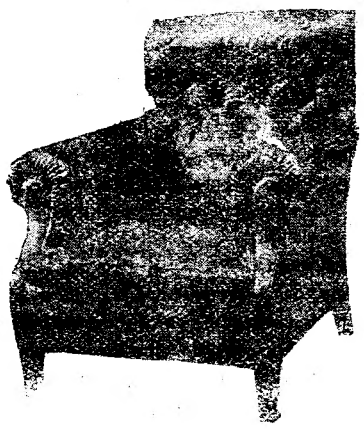
CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082



RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

O "DIARIO DE LISBOA"

encontra-se á venda no Dafundo, na Tabacaria Freire.

Não peçam qualquer refresco antes de provar a carapinhada de cacau

S. I. C.

A' venda em todas as confeitarias e leitarias.

AMOSTRAS GRATIS

Solano

DEPOSITARIOS

FIGUEIREDO & TELLES, L.DA

RUA ALVES CORREIA, 45 1.º

TELEFONES 3156 e 3697-N.

TELEGRAMAS: FITELES-

LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

GEREZ

Hotel do Parque

Recomendado pela Propaganda de Portugal

ABRIU NO DIA 25 DE MAIO

Um dos melhores hoteis das termas do paiz. Aposentos luxuosamente mobilados e com água corrente. Luz electrica em todos os quartos, salas e dependencias. Modelar serviço de cozinha com e sem dieta.

Luxuosa e confortavel camionete para condução de passageiros, saindo de Braga para o Gerez ás 3 horas da tarde. Pedidos de reserva de logares a João Ferreira de Carvalho, empregado do escritorio, Hotel Anselmo, Braga.

Correspondencia á proprietaria, Viuva de Vicente Paulino da Silveira, Gerez.

Informações em Lisboa, Rua Luciano Cordeiro, 98, r/c.

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Geral

Fernandes, Almeida & C.a, L.da

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

Martins & Magalhães, L.da

Por escritura de 26 de Maio findo, notario EUGENIO DE CARVALHO E SILVA, de Lisboa, foi substituido o art. 10.º do pacto social desta firma pelo seguinte:

10.º

Os lucros liquidos acusados pelos respectivos balanços anuaes, depois de deduzida a percentagem de 5.º para o fundo de reserva legal, ou sempre que fôr preciso reintegrá-lo, bem como os prejuizos, havendo-os, serão divididos pelos socios na proporção das suas respectivas quotas.

Lisboa, 30 de Maio de 1923.

O notario,

Eugenio de Carvalho

Reductores de Tensão

Adaptaveis á corrente alterna de 110 volts e continua de 220 volts.

Com relativa economia podem ser substituidos todos os elementos de pilhas para campainhas, pelo Reductor *Stop* que evita as constantes interrupções ocasionadas pelas muitas deficiencias desse antiquado sistema.

Preços especiaes para revenda

CASA RUBI

120, R. dos Retrozeiros, 122

Telefone C. 3851

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE LONDRES

O Sarre e a atitude do governo britanico

O que diz o jornal "The Times"

LONDRES, 7

O chefe do governo declarou na Camara dos Comuns não desejar fazer comunicação alguma sobre as reparações alemãs, emquanto durarem as actuais discussões verbais com os outros paises aliados.

Segundo diz o «Times» continua a incompatibilidade entre os pontos de vista inglês e francês, sendo tambem extremamente grave a situação na bacia do Sarre. Todavia a Inglaterra, diz o mesmo jornal — só agirá sosinha depois de ter esgotado todas as tentativas possiveis para chegar a um acordo.

O embaixador italiano nesta cidade, sr. Della Torretta, teve uma longa conferencia com Lord Curzon, nada se sabendo do que nela se passou, mas que, necessariamente teve relação com o debatido problema da resposta a dar á Alemanha.—(E.)

Os atentados

na Renania e no Ruhr

LONDRES, 7

Corre o boato do que a Belgica dirigiu ao Reich uma nota, pedindo que o chanceler Cuno reprove os atensados na Renania e no Ruhr e que a França se associou a essa «démarche». No caso ém que este pedido não seja satisfeito, os embaixadores da França e da Belgica abandonarão Berlim, deixando a gerencia da embaixada ao respectivo encarregado de negocios.—(H.)

Sentenças

que não são ractificadas

LONDRES, 7

O conselho de guerra da cidade de Dusseldorf, indeferiu o recurso contra sete sentenças de pena capital pronunciadas pelo tribunal militar de Moguncia.

A situação no Rhur continua sendo grave; os incidentes sanguinolentos repetem-se continuamente, e as tropas francesas continuam a fazer apreensões de numerario destinado a alimentar a resistencia passiva.—(E.)

TEATRO AVENIDA

: COMPANHIA PALMIRA BASTOS :

HOJE

A obra prima de Alexandre Dumas (Filho)

A DAMA DAS CAMELIAS

Magistral interpretação de P. BASTOS

Quarta-feira, 11 — Estreia da C.ª Palmira Bastos no APOLO com a «Morgadinha de Val-Flôr»

Dia 10 — Estreia da companhia de revistas

POLICLINICA DO ROCIO

Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo	Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior	Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha	Rins e vias urinarias — 10 e 1/2 h.
Dr. Cancella d'Abreu	Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato	Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira	Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette	Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini	Cirurgia, doenças das senhoras e partos — 14 e 1/2 h.
Dr. Zeferino Falcão	Pele e sifilis — 14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco	Raios X.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

AS DEVASTAÇOES

quem as pagará?

A FRANÇA OU A ALEMANHA?

A opinião de Henry de Jouvenal

Emquanto, em Londres, os representantes da França e da Belgica procuram, com lord Curzon, chegar a um entendimento definitivo ácêrca do problema das reparações alemãs, a imprensa francesa continua a dar sinais de pouca tranquilidade, no respeitante á atitude provavel da Inglaterra.

Ao mesmo tempo que vão afirmando estar crentes de que se chegará a um acordo amistoso, confessando que a desunião da França e da Gran-Bretanha fomentaria uma anarquia internacional capaz de vitimar a Europa inteira, os jornais de Paris não conseguem ocultar a má impressão que a politica britanica tem causado na opinião francesa.

Henry de Jouvenel, por exemplo, ocupando-se do caso no «Matin», põe a questão nestes termos, depois de chamar insolita á intervenção do Pio XI e de criticar com mais disfarçado azedume a atitude do governo de Londres.

* * *

O problema das reparações não se resolverá senão numa atmosfera de confiança entre os aliados. E para criar essa atmosfera, preciso é que desembaracemos a questão de tudo quanto possa obscurece-la. Ponhamos de parte as polemicas dos jornalistas, os «complots» dos diplomatas, as combinações dos financeiros, e apresentemo-la como ela deve ser apresentada entre homens de honra:

«Quem reparará as regiões devastadas pela Alemanha? A França ou a Alemanha.»

E' a esta pregunta e não a qualquer outra que devem responder alemães, ingleses e americanos. E' ao que pediu o sr. Poincaré na conferencia de Paris realisada em janeiro fixando a divida da Alemonha á França numa quantia que oscila entre 26 e 30 biliões de marcos-ouro, desde que se renunciasse ás dividas inter-aliadas.

Entramos no Ruhr porque a Alemanha resolveu não ouvir as nossas reclamações. Não retiraremos emquanto ele não manifestar claramente que nos ouviu.

E porque nos não respondeu?

Será porque se pretende, além Mancha, estabelecer uma especie de prioridade das regiões não desvastadas sobre as regiões desvastadas?

Porque se não explicam claramente?

A França e a Belgica reduziram o que a Alemanha lhe deve a cerca de 35 biliões de marcos.

Quanto querem aumentar a esta cifra, para as suas contas, os governos inglês e americanos? E se a soma de que eles sobrecarregarem a nossa excede a capacidade de pagamento da Alemanha, que culpa tem a França disso?

A Alemanhã pode pagar tudo? A Inglaterra não o crê, segundo parece. Que a Alemanha pague portanto em primeiro logar as suas dividas mais urgentes, as que contraiu invadindo a Belgica e devastando a França.

Emquanto a Inglaterra e a Alemanha declararem que a Alemanha não está em estado de suportar todos os seus encargos, declarando ao mesmo tempo que não podem renunciar ao que ela lhes deve são elas e não a França que tornam insoluvel o problema essencial, aquele que sempre enunciaremos até que risquem do vocabulario da paz o nome da justiça:

«Quem reporará as regiões devastadas pela Alemanha. A França ou a Alemanha?»

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

COMPRA E VENDA

DE

TITULOS

Nacionais e Estrangeiros

Execuções de ordens de Bolsa

Cobrança de juros e devidendos

PANCADA, MORAES & C.ª

RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º

TELEF. C. 1196

DE PARIS

A carta pontifical e o presidente Poincaré

... "a carta caírá por si"

PARIS, 6

A Camara dos Deputados discute neste momento a interpelação respeitante á carta pontifical. O radical socialista Dumesnil declara que a carta é inadmissivel para a França, visto que aconselha que se substitua a comissão dos peritos internacionais por uma comissão de reparações e parece convidar a França a evacuar os territorios renanos. O sr. de Magellon afirma que a carta não contem qualquer intrusão do poder espiritual no poder temporal. Em seguida sobe á tribuna o sr. Poincaré.

Lembra, em primeiro lugar, que o embaixador da França junto do Vaticano, sr. Jonnart, fez imediatamente ao cardeal Gasparri as necessarias observações e frisou que a ocupação do Ruhr correspondeu aos votos do país. Na sua resposta o cardeal Gasparri estabeleceu o fim cristão da carta do Papa e assegurou ao sr. Jonnart que o Papa quiz somente fazer um apelo ao espirito de justiça e de caridade; reprovou formalmente a resistencia criminosa e acrescentou que se o Reich não procurasse merecer a confiança dos seus credores, a carta cairia por si. O sr. Poincaré disse mais que por muito respeitavel que seja a autoridade da carta em questão, esta não tem qualquer poder de intervenção na politica interna ou externa da França. A tese do Papa aproxima-se, sem duvida, da tese sustentada por alguns dos nossos aliados, mas essa tese não é a nossa.

O Ruhr

não será evacuado

Poincaré declarou depois que não tendo a carta pontifical nenhum alcance politico, o governo não encarou de forma nenhuma a supressão da embaixada e que não aceitará nenhuma intervenção do exterior, qualquer que ela seja, sobre a independencia da politica francesa. O governo recomendou por isso ao sr. Jonnart que não pedisse a este respeito a execução do tratado com o Papa.

O sr. Jonnart procedeu, pois, segundo o seu criterio. Só entrámos no Ruhr depois de constatar as faltas da Alemanha e entrámos sem qualquer pensamento de anexação ou ocupação permanente, mas apenas para termos um penhor e garantias e podermos exercer sobre a Alemanha uma coerção eficaz. Em primeiro logar pedimos que a Alemanha cesse toda e qualquer resistencia e dê um testemunho publico da sua boa vontade. A evacuação do Ruhr depende exclusivamente dos pagamentos da Alemanha. Temos a consciencia dos nossos direitos e dos sentimentos de justiça. Por 388 votos contra 190 a camara aprovou por fim a ordem do dia pura e simples, pedida pelo governo.

"Paris Misterioso"

O «film» de arte francês «Paris Misterioso», cine-romance em 10 episodios (22 partes), original de Louis Paglieri, que segunda-feira se apresenta em «estreia» (e «exibição completa») no Salão Foz e Chiado Terrasse, tem por protagonista o notavel actor francês Georges Gauthier e por interpretes as mais celebres «estrelas» dos teatros parisienses.

O caso, unico em Portugal, da «exibição completa num só espectaculo» de um «film de estreia» deve-se ao facto da Empreza, em virtude de anteriores compromissos com os cinemas açoreanos, não ter tempo de o exibir em series.

«Paris Misterioso», na sua limitada projecção nos écrans do Foz e Terrasse, será um dos mais notaveis sucessos da actualidade, tanto pelo lado artistico e exacta reprodução do meio parisiense, como pela novidade de ser apresentado «completo» desde o dia da sua «estreia».

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A NOSSA AVIAÇÃO

A viagem

á volta do mundo

e o "raid" de Lisboa a Macau

Fala Ribeiro da Fonseca

(*Continuação da 4.ª pagina*)

tem visto... a qual nem sempre é contra os tubarões.

Para dar uma volta ao mundo, proporcionalmente, seriam precisos 15 aviões, numero que deve ser mais elevado, ainda pois que em terra ha muito mais probabilidades de partir do que na agua.

Espera Sacadura Cabral viajar com mais precisão do que o fez até aos Penedos?

Tem novo aparelho de rumo, cujo reclame internacional valha 15 aviões, para o resto?

Não tem.

A habilidade é parar onde se deve.

Com o seu prestigio, o sr. Sacadura podia organisar uma aviação que se visse, que o País consciente lhe ficaria devendo muito mais.

O sr. Sacadura tem obrigação de reconhecer, visto que não é um piloto como o espanhol da praça de touros, que a probabilidade, que foi fugindo á sua frente entre Lisboa e Rio de Janeiro, o esperaria em qualquer recanto do globo.

Para que ir ao encontro dela, sem qualquer beneficio para o seu País, sem maior gloria para si e com enormes despezas perfeitamente inuteis?

Convenceu-se acaso de que é o piloto excepção, o unico que iria por ahi fora de terra em terra, tendo aparelhos á descrição, sem que nada lhe acontecesse?

Não, certamente.

Para que ir então esbanjar-se nessas aventuras o dinheiro que muito melhor empregado seria na organização da nossa aviação?

Para se dar a impressão ao publico de que em terra ha só dois aviadores capazes de voar e na marinha ha só o sr. Sacadura?

Os outros pilotos voam, sem reclame, quotidianamente, na sua missão modesta e mais barata de se prepararem para a acção militar que o País espera deles.

O sr. Sacadura, que devia fazer o mesmo, só tem o direito de se meter a fazer a volta ao mundo, contratado com uma fabrica de motores ou de aviões resistentes.

Como o seu País não tem, porque o preço dessa empreza é tal, que um País pobre como o nosso, depois da ida ao Brazil não tem o direito de pensar nela sequer.

A ida ao Brazil deu nome a Portugal, porque viajaram em cada uma das etapes com grande precisão.

A volta ao mundo nada, absolutamente nada podia provar para Portugal, senão que nós eramos colectivamente como muitos portuguesinhos meus conhecidos, que, devendo dinheiro a toda a gente, são os que ás vezes aparecem a fazer maiores despezas, e que, comendo apenas carapaus em casa, só jantam fora na Garrett.

O País necessita de aerodromos e aviões.

Não ha o direito de ir deixar aparelhos partidos por esse mundo fora, com outras enormes despezas inerentes, quando não ha um campo de aviação em Portugal, quando os poucos aviões que temos são a sucata da guerra, quando somos quasi o unico País do mundo, incluindo paises selvagens, em que não ha uma carreira aerea.

Desde que não ha qualquer gloria para Portugal em que aviadores portugueses andam voando de terra em terra por esse mundo fora, desde que Portugal é o País mais atrazado em aviação, que fantasia é essa de querer convencer o publico ignaro de que Portugal precisa que aviões estrangeiros vão por ahi fora, com portugueses, brasileiros e até espanhoes dentro deles?

Provar o quê, sr. Sacadura?

Ribeiro da Fonseca
(Capitão aviador)

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

A OBRA DO GOVERNO

A REFORMA

DA INSTRUÇÃO

VEM DEMOCRATISAR O ENSINO

FALA AQUILINO RIBEIRO

Por estes dias torridos de julho, com as senhoras afogueadas como papoilas, a fugir debaixo da papoila das sombrinhas pela fimbria fresca das ruas, com os homens a encharcar-se de orchatas nos cafés, é deleitavel entrar no velho casarão de S. Francisco, onde a imovel paz dos livros, tanto como os grossos muros, criam um ambiente onde se nos afigura tão gostoso veranear como na mais amena casa de campo, rodeada da mais umbrosa mata. Batemos á porta do Varatojo, esse gabinete austero e silencioso, a cujo conclave de autores asceticos, apologeticos, misticos, preside Fr. Antonio das Chagas, que morreu com cheiro de santidade depois de ser capitão de cavalos. Lá está o seu habitual hospede, o sr. Aquilino Ribeiro que, além de escritor, é uma espécie de bento cartulario de livros raros e preciosos.

O sr. Aquilino Ribeiro é uma das pessoas idoneas para responder ao nosso inquerito sobre a projectada *Reforma do Ensino Publico*, pois que da instrução nacional são os homens de letras das flores mais altas e mimosas. Sem preambulos inquirimos:

—Conhece o projecto da Reforma da Instrução, apresentado ao Parlamento?

—Nas linhas gerais conheço. Se fôr votado, como não parece duvidoso, a democracia portuguesa terá criado uma lei basilar, condição certa do seu progresso e estabilidade.

—Assim é revolucionaria a Reforma?

—Revolucionaria no sentido inovador e criador do termo. Além de outros objectivos, a Reforma visa a criar uma *elite* mediocrata, com a verdadeira consciencia do que é: o regente agricola, o mestre de oficina, o empregado de comercio moderno, o lavrador, etc., em prejuizo do bacharel, a pobre e numerosissima larva da vida portuguesa. A certa altura, a massa incompetente—de que hoje são constituidas as carreiras liberais—desde que se afirme como tal, o Estado pôr-lhes-ha diante a *consigne* irrevogavel: *Não passareis daqui!*

—São votados então ás feras esses incompetentes?

—De modo algum. São desviados para carreiras onde poderão ser mais uteis a eles e ao proximo. Não vale mais a pena ser um respeitavel comerciante da nossa praça que um sofrivel professor? um contrameste bem pago e prestigioso que um advogado de causas perdidas?

—Decerto.

—O liceu deixa de ser a escola unica intermediaria. Será uma ponte em que ha portageiro. Por sua vez, as Universidades deixarão de ser a arca de Noé acolhendo com igual desvelo catedratico o onagro e o moço de merito, o rico que se fartou de moer e pagar ao explicador, o pobrezinho que levou, por genio e industria propria, os seus preparatorios de arrancada. Ascende até lá, não quem pode financeiramente, mas intelectivamente. Os necessitados terão bolsas de estudo. Os autores da Reforma, como vê, previram todas as contigencias da vida social.

—A democracia constroi assim os seus alicerces, disse o sr. Aquilino Ribeiro...?

—Sem duvida. A classe doutoral, que extravasa das necessidades «liberais» do país, é naturalmente insatisfeita. Insatisfeita porque a profissão é ingrata á força de concorrida, e daí propensa á desordem e á agitação. Não falando na especie de tontaria que lhe provoca a diferença do nivel em que se acham: abaixo um povo na sua maioria barbaro; acima eles, os civilisados. A vaidade, a hipertrofia do eu, essa falsa noção de superioridade—tudo isto são elementos dissolventes numa sociedade que se queira ordenar. Ora esta Reforma vai reduzir as fornadas vindoiras de bachareis, de mestraços e homens de saber enciclopedico.

—E o progresso geral lucra com a Reforma?

—Como não? Uma nação moderna é um agregado celular, com funções distintas. Como poderia este organismo funcionar utilmente se a maior parte das celulas estavam inertes? Onde descobre agora desses obreiros de nivel medio, desses regentes das profissões usuais, como lhes chama Antonio Sergio?

—Tem outros alcances a Reforma?

—Evidentemente. Além de melhorar a raça sob o ponto de vista cultural, moldando-a ás necessidades modernas, procura levantá-la fisicamente. Não sei se concorda comigo, mas o povo português está em via acelarada de degenerescencia. Perdeu o vigor, o alento, a estatura. E' o povo, em corpolencia, mais pequeno da Europa. Tragam um filho de camponês para a cidade e verão as suas mãos, os pés, o talhe tornar-se fino e aristocratico. Apenas pela fuga á terra e á luta com a terra? Quere-nos parecer que devido muito mais ainda aos ingenitos factores de decadencia que lavram no sangue português. A reforma prevê esta queda para o abismo, dando a importancia devida aos exercicios corporais na cidade e campo.

—E objeções á Reforma?

—As objeções poderão partir, apenas, de interesses criados, lesivos dum bom e racional ensino. Os pais só terão a lucrar, visto que a Reforma vem desobstruir os programas de muita coisa inutil ou difusa que, bem sabida e trauteada, tornava seus filhos autenticos enciclopedistas, mas enciclopedistas á maneira do velho e veneravel Santo Isidoro de Sevilha, de que, olhe, aqui tem um alfarrabio com mais de quinhentos anos... Quer vêr?

—Interessante! Só mais uma pregunta: pechas a pôr á Reforma, não vê?

—Eu não vejo, mas pode haver. Que haja, os homens que colaboraram nela são as criaturas mais desprendidas de vaidade que ha no mundo. Faria de Vasconcelos é em pedagogia uma competencia reconhecida no estrangeiro; Antonio Sergio, o espirito mais atento ás realidades que conheço. A lei não estatue a sua aplicação integral imediata, mas lenta, cautelosa e sucessiva. A experiencia irá limando o que solicita lima, suprindo onde houver lacuna. Ajudem-nos os pais, os homens de bem, os homens de letras, os professores de boa vontade, e ter-se-ha dado um madeiramento novo, de toda a resistencia á civilisação portuguesa.

A posse do novo ministro da marinha

Com a assistencia de todos os directores gerais e chefes de serviço e de varios oficiais e amigos pessoais tomou hoje posse pelas 15 horas do cargo de ministro da Marinha interino, o actual ministro da Agricultura sr. Fontoura da Costa, posse que lhe foi dada pelo seu antecessor sr. Azevedo Coutinho.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Leitão de Barros

Foi vitima dum lamentavel desastre este nosso querido amigo e distinto aguarelista. Andando a pintar a sala de baile do palacio Carlos Ferreira, em Cintra, caiu dum andaime tendo sofrido uma sincope, devido á violencia da queda, ficando muito ferido nas costas. Felizmente que o seu estado não inspira cuidados de maior.

Fazemos votos pelo seu rapido restabelecimento.

MAIS UM ATENTADO

7 bombas

contra os juizes

do Tribunal de Defeza Social

Ha 14 pessoas feridas

O Tribunal de Defeza Social reuniu hoje, para julgamento de varios individuos acusados de vadiagem

Terminada a audiencia, quando os juizes srs. drs. Elias da Costa, Barbosa Viana e Ferreira de Sousa saiam do edificio da Boa-Hora, foram atiradas para o largo fronteiro sete bombas de dinamite. Três delas explodiram, causando alguns estragos. As restantes foram apanhadas, 2 pelo guarda 1798 da 1.ª esquadra, Manuel Garcia, uma pelo escrivão Abilio Magro e outra pelo cabo Teodoro.

A explosão provocou poucos prejuizos materiais, ficando quatorze pessoas feridas.

Os juizes drs. Barbosa Viana e Ferreira de Sousa, ficaram com alguns ferimentos, recolhendo o primeiro a casa, depois de pensado, e ficando o segundo em tratamento no hospital de S. José.

Uma mulherzinha que estava sentada junto do quiosque, Justa da Conceição, recebeu um ferimento no rosto.

Foi atingida por um estilhaço na boca uma criancinha que brincava no largo.

O guarda 1679, Isidro da Silva, que faz serviço no Tribunal de Defeza Social, ficou com um pé atravessado por um estilhaço, recolhendo a uma enfermaria do hospital de S. José.

O presidente do Tribunal dr. Elias da Costa ficou ileso, seguindo de automovel para casa.

A explosão provocou grande panico, atraindo enorme multidão. Varios individuos fugiram em todos os sentidos, sendo presos três, por suspeita de estarem implicados no atentado.

Um deles, Domingos da Silva, apresenta varios ferimentos. Depois de pensado, recolheu ao governo civil. Nega o crime de que é acusado. Os outros dois estão incomunicaveis numa esquadra

O escrivão dr. Figueiredo ficou com uma escoriação num braço.

Um individuo que ia atravessando o largo recebeu um estilhaço numa perna que lhe fracturou.

Um dos bombistas, vendo-se perseguido pelo guarda 1870, na travessa do Cotovelo, disparou um tiro contra ele, ferindo-o numa perna. Como continuasse a ser perseguido pela policia e por populares, suicidou-se com um tiro.

No largo apareceu um chapeu de palha atravessado por um estilhaço. Não se sabe a quem pertence.

* * *

Ha quem afirme que as bombas foram deitadas da rua Nova do Almada. As sentinelas, porém, dizem que elas foram lançadas do escritorio das obras publicas ao lado da Boa-Hora. O mais provavel é que tivessem sido atiradas de ambos os lados.

* * *

Ao posto da Cruz Vermelha foram curar-se sete pessoas, com ferimentos sem importancia.

Festas de beneficencia

"Casa dos Jornalistas"

Ha quatro anos, Raposo d'Oliveira lembrou-se de fundar a «Casa dos Jornalistas»—casa de repouso onde possam acoitar-se os vencidos desta formidavel labuta dos jornais.

De todos os lados surgiram pessoas amigas oferecendo o seu amparo moral e material.

Desta vez foi a gentilissima e ilustre actriz Palmira Bastos quem veio ao nosso encontro, oferecendo-nos um espectaculo da sua companhia. E logo acorreram outros actores e actrizes prestando-se a tomar parte num acto de variedades.

Esse espectaculo de que já publicámos quasi todo o programa, realisa-se, depois de ámanhã, no teatro S. Luiz.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74